



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.61-81.

RODAS DA VIDA, MIGRAÇÕES E PASSAGENS: FESTAS E SUBJETIVIDADES

Camila Oliveira Garcez
Sinny Lopes
Adauto Silva de Oliveira Júnior
Júnior Pionga
Adan Renê Pereira da Silva

Resumo: Este momento do dossiê contempla múltiplos fazeres e saberes daqueles e daquelas que atuam em muitos lugares e de diversas formas nas festas amazônicas. Itens, criadores, torcedores, presidentes, compositores apresentam-se por diversas perspectivas para falar, em uma metodologia autoetnográfica, de seus pontos de vista acerca das vistas dos pontos em que se situam. Objetivando dar visibilidade ao povo que faz e vive a festa, as comunicações aqui apresentadas mostram as festas em potência e ato, com sujeitos em movimento nas grandes teias da alegria.

Palavras-chave: Festas; Arte; Cultura Popular.

WHEELS OF LIFE, MIGRATIONS AND PASSAGES: PARTIES AND SUBJECTIVITIES

Abstract: This moment in the dossier contemplates multiple actions and knowledge of those and those who work in many places and in different ways at Amazonian festivals. Items, creators, fans, presidents, composers present themselves from different perspectives to speak, in an autoethnographic methodology, of their points of view about the views of the points where they are located. Aiming to give visibility to the people who make and live the party, the communications presented here show the parties in full force and action, with subjects moving in the great webs of joy.

Keywords: Parties; Art; Popular culture.

Introdução

Forma-se, neste texto, um amálgama de encontros de homens e mulheres que são a própria diversidade que celebramos. Este tom de implicação, de compartilhamento de experiências, de sentidos e significados ganha corpo a seguir. O foco é na experiência, em como esses sujeitos se veem, como se percebem naquilo que fazem,



ajudando a compreender, inclusive, o motivo de fazerem o que realizam. Para tanto, a metodologia empreendida foi a da autoetnografia. Consoante proposta de Santos e Biancalana (2017), que veem no método um arcabouço mais robusto para explicitar a vivência dos dados do campo. A autoetnografia entrelaça pesquisador e pesquisado, necessidade deste estudo, tendo em vista a posição que ocupam os sujeitos.

Abaixo, os textos de nossos actantes.

CIRANDA É MAIS QUE ARTE, É O RESGATE DE NOSSA ORIGEM E IDENTIDADE CULTURAL, POLÍTICA E SOCIAL

Camila Oliveira Garcez

Na língua primeira do nosso Brasil, o tupi-guarani, a palavra Manacapuru significa Flor Matizada. Quem nasce nessa terra, aprende muito cedo que ela tem nome de flor, uma flor da família *solanaceae* de origem tipicamente brasileira. Também conhecida como manacá-de-cheiro, a flor matizada é um arbusto bastante encontrado no município de Manacapuru. Sua flor nasce roxa, vai ficando lilás conforme o passar do tempo, até se tornar branca em seu ciclo final.

Manacapuru é uma cidade hoje pertencente à zona metropolitana de Manaus, mas não foi sempre assim. O que tornou essa cidadezinha de pouco menos de 100 mil habitantes¹ parte da metrópole baré foi a Ponte Rio Negro, hoje rebatizada de Ponte Jornalista Phelippe Daou. Iniciada durante o Governo Lula e inaugurada em 2011, no primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff, essa ponte foi um marco para o desenvolvimento e urbanização das cidades do lado oposto do Rio Negro. Para Manacapuru, ela foi um importante meio para facilitar o acesso às atividades culturais da cidade, entre elas, o Festival de Cirandas, realizado todos os anos no final do mês de agosto.

Esse artigo baseia-se sobretudo em memórias, já que falar sobre ciranda é também contar um pouco da minha história. Nasci em Manacapuru no ano de 1992, mas ainda muito pequena fui morar em Manaus. Minha mãe buscava melhores condições de

¹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, Manacapuru é a quarta cidade mais populosa do Estado com 98.502 habitantes.



trabalho e, por conseguinte, um melhor acesso à saúde e educação. Me lembro de inúmeras viagens à Manacapuru durante a minha infância, naquela época não existia ponte, mas um imenso rio a ser atravessado nas balsas que partiam do Porto do São Raimundo, no bairro de mesmo nome.

Estar em Manacapuru significava liberdade. Correr na rua, brincar de bola, encontrar minhas primas e primos, tomar chá de capim-santo com bolacha na casa da vovó Paulina. O campo do Riachuelo, ficava há duas quadras da casa dela, e de lá dava para ouvir o barulho do apito nos ensaios das cirandas. Eu cheguei a assistir as apresentações que aconteciam no tablado de madeira, mas era muito pequena e não lembro de muita coisa.

No ano 2000, voltamos a morar em Manacapuru e vivi o meu primeiro contato direto com o Festival. No ensino fundamental, aprendi que as cirandas haviam nascido no seio das escolas. A Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, que ficava no Centro da cidade foi a pioneira e deu origem à Ciranda Flor Matizada; depois a Escola Estadual José Seffair, localizada no bairro da Terra Preta, fundou a Ciranda Tradicional e por último; a Escola Estadual José Mota, no bairro da Liberdade, deu origem a Ciranda Guerreiros Mura. Aprendi que aquelas apresentações que via no campo do Riachuelo, seja no período junino ou no final do mês de agosto, marcaram o início do Festival de Cirandas.

No início dos anos 80, a professora Perpétuo Socorro de Oliveira levou a brincadeira para Manacapuru, montando a ciranda “Flor Matizada” na Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré. O sucesso foi imediato e, rapidamente, duas outras escolas entraram na brincadeira: a Escola Estadual José Mota, que criou a ciranda “Guerreiros Mura”, e a Escola Estadual José Seffair, com a “Ciranda Tradicional”. Inicialmente uma brincadeira de alunos circunscrita ao período das festas juninas, as cirandas foram evoluindo e ganhando um caráter semiprofissional até se transformarem em autênticos símbolos da cultura popular do município. Em 1997, o então prefeito Ângelus Figueira instituiu o 1º Festival de Cirandas no último final de semana de agosto, dissociando as apresentações das brincadeiras do período junino. Em 1998, para prestigiar as cirandas e transformá-las em um atrativo turístico de alcance nacional, Ângelus Figueira construiu um “Cirandódromo”, no Parque do Ingá (JÚNIOR, 2013).

A Flor Matizada, a ciranda do Centro, era a escolhida da minha família. Minha avó Paulina Barbosa de Oliveira, morava há muito tempo na Avenida Padre Rafael, uma das principais avenidas do Centro da cidade. Seus filhos e filhas estudaram na Escola Nossa Senhora de Nazaré, uma escola construída pela igreja Matriz e que veio a ser



administrada pelo Governo do Estado. Tempos depois, as mulheres, em especial minha mãe Artenilza Barbosa de Oliveira, minhas tias Artemiza Barbosa de Oliveira, Antônia Adélia Barbosa de Oliveira e Maria Zenilde Barbosa de Oliveira, também se tornaram professoras desta escola. Hoje, a família Barbosa de Oliveira é uma das famílias tradicionais que apoiam e colaboram com a agremiação.

Durante o meu primeiro contato direto, eu assistia os ensaios do cordão de entrada realizados no pátio da casa da minha tia Zeneide Barbosa. Dentro de casa, ela costurava e idealizava as roupas e adereços utilizados pelos brincantes. Sob a sua supervisão, eu sentava ao lado de minhas primas para ajudar a separar adereços, a arrumar penas e até colar os dedos de cola quente tentando ajudar na montagem das peças. Acredito que partiu daí meu dom com artes manuais como o artesanato.

A minha primeira recordação viva de um espetáculo foi no 4º Festival de Cirandas de Manacapuru. É uma memória nítida para mim, já que nesse ano, minha irmã havia acabado de nascer. Ela também muito novinha esteve lá junto comigo e nem se incomodava com os foguetes e os gritos da torcida, apenas dormia. Enquanto eu, me apaixonava por tanto brilho e por aquela sensação de magia que pairava no ar.

A Flor Matizada apresentava o tema “*Raízes de um Povo Milenar*”, marcando a virada do milênio e contando as histórias dos primeiros habitantes do Brasil e da nossa Amazônia. O tema era uma ode aos povos indígenas, em especial ao povo mura, que foram os primeiros habitantes da região onde hoje fica Manacapuru. Essa população originária resistiu a inúmeros ataques, seja de pragas e doenças trazidas pelas expedições dos colonizadores europeus, ou mesmo das lutas travadas em nome da colonização. Além disso, o enredo também contava sobre o modo de vida desse povo, as lendas e histórias sobre as divindades que os protegiam e os guiavam.

Da caça e da pesca o meu povo já vivia e da floresta seu sustento retirava. E vivendo em liberdade, praticando a unidade seus costumes preservava. Mas foi de repente que chegou o conquistador, o invasor tomou posse desse chão, em nome da nobreza dizimou minha nação. Trouxe a cruz, levou riquezas (BEBEZINHO; SEIXAS, 2000).

Dali em diante me tornei uma torcedora roxa, apelido dado aos torcedores da Família Matizada (Fama), torcida oficial desta ciranda. Me lembro que quando estudava no “Nazaré”, na última semana antes do festival, as aulas eram reduzidas e nós alunos íamos todos para o galpão ajudar nos últimos detalhes. A Ciranda Flor Matizada é



representada pelas cores lilás e branco, em referência a flor, mencionada no início deste artigo. A cor lilás sempre foi a minha cor favorita. Meu quarto, minhas roupas, acessórios, cadernos, tudo tinha que ser lilás ou roxo. Não tinha na gaveta sequer uma roupa azul ou vermelha, pois a rivalidade, em especial com a ciranda Guerreiros Mura, era muito grande.

Além da arte, a ciranda tem o seu papel social e histórico, na minha vida. Foi brincando de ciranda que resgatei valores da minha história, que aprendi a me conectar com a minha ancestralidade e a reconhecer o valor de ter nascido nessa cidade. Tudo o que sou hoje vem desse processo de aprendizado, de questionamento, de entendimento de quem eu sou e de onde eu vim.

Personagens típicos e personalidades históricas. O meu sonho, assim como de toda menina era um dia me tornar uma Cirandeira Bela. A Cirandeira Bela era a cirandeira mais bonita e que melhor dançava no cordão. De 1997 até hoje, a Ciranda Flor Matizada nos apresentou figuras encantadoras, que todos nós, torcedores roxos ou mesmo das contrárias, aprendemos a amar e admirar. Vanessa Almeida é um dos grandes ícones que já passaram por esse posto. Além de linda, ela entrava na arena de salto alto para desbancar qualquer item contrária. Vanessa se despediu em 2006, em “*Hévea Brasiliensis: Um conto Amazônico*”, descendo de um lustre de cristal da cúpula do Teatro Amazonas, meses depois de dar à luz a seu primeiro filho. Ali ela consagrava esse item e, todos sabíamos que seria um desafio árduo encontrar figura que estivesse à altura dela.

Mas no ano seguinte conhecemos outra Vanessa. Vanessa Simplício tinha uma beleza plástica ímpar, e quando entrava na arena não existia um expectador que não se arrepiasse com tanta entrega. Me recordo de sua interpretação como Conhori, a deusa Icamiaba que representava a grande guerreira Amazona, ou na sua despedida, quando desceu de uma enorme formiga de fogo e entregou uma de suas melhores apresentações na arena. Depois que ela se despediu, conhecemos Camila Marques que até hoje representa esse item com a mesma garra, carisma e beleza que esse item sempre exigiu.

Em 2001, eu estive em uma apresentação da Flor Matizada pela primeira vez. Nesse ano, o tema era “*Uma História de Ciranda*”, e eu junto das minhas primas Beatriz Oliveira, Pollyana Oliveira e Thays Nycolle nos apresentamos como itens



figurantes, representando as flores do jardim da Constância, personagem típico da ciranda. Nunca fiz parte do cordão, minhas primas dançaram durante alguns anos, mas por algum motivo eu nunca encarei esse lugar. Mas naquele dia, por mais simples que fosse aquela apresentação, aquela Camila de nove anos de idade se sentiu parte de toda essa magia e mais do que contribuinte desse espetáculo que é a ciranda.

O tema explorava a história dos personagens típicos, como a Constância; o Galo Bonito, personagem que representa a sedução; Seu Honorato, curandeiro responsável por cuidar e curar doenças através das medicinas da floresta e acesso espiritual; Cupido, responsável por despertar a paixão; Mãe Benta, dona das mãos preciosas que fazem quitutes e guloseimas; Seu Manelinho, pescador embriagado que tem muitas estórias para contar e que também caça o Carão, outro personagem típico que representa um pássaro preto que se alimenta dos peixes.

Matizada é luz, palco de ilusão, resgatando raízes ligadas ao coração. Com a Mãe Benta, Manelinho contagiando o meu ser, lilás e branco dança para o mundo ver. Matizada é amor, ciranda é paixão, entra na roda o Cupido e o Carão, Seu Honorato, a Constância, Galo Bonito a bailar. Flor Matizada vamos todos cirandar (ANDRADE, 2001).

É importante ressaltar o papel importante de Dermilson Andrade nessa história. Cantor, compositor, poeta e entusiasta das artes, Dermilson é também historiador formado pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Com certeza uma de minhas maiores referências na arte de escrever, mas também de interpretar e de contar histórias. Um homem com um conhecimento gigante de linguagens, dono de letras poéticas e que trazem reflexões importantes no contexto dos temas desenvolvidos pela ciranda. O torcedor realmente apaixonado pela Flor Matizada deve cada título, cada conquista feita na arena a esse homem brilhante.

“Hoje esse chão vai tremer e você vai ver o que é cirandar. Sinta o seu corpo mexer e sem perceber você vai gingar” (BEBEZINHO, 2005), essa letra também consagrou a voz mais cirandeira desse festival. Bebezinho foi um ícone musical dentro da nossa ciranda. Sabia expressar na voz a emoção que toda a torcida sentia e defendia o item “letra e música” como ninguém.

Em 2005, comemorando 25 anos de existência, a Ciranda Flor Matizada homenageava toda a forma de expressão cultural e folclórica do nosso país. Em “*Ciranda-Brasil: 25 anos de Folclore*”, a ciranda homenageava a própria expressão



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

falando da cultura popular, honrando as tradições das regiões do Brasil, como a marujada, a congada, o reizado, o maracatu, o bumba-meu-boi, o boi-bumbá, o carimbó, a capoeira e tantos outros. Também mais uma vez fez um resgate da história da ciranda vinda de Tefé e transformada nesse festival único no mundo.

Essa classe de essência não se opõe ao novo e ao tradicional, associa-se firmando-se ao fundamental. Mescla de popular e erudição, dá-nos a tônica rumo a simplicidade que enobrece. As resistências aos embates do tempo, fez dessa expressão parte inerente de nosso ser. Assim percebemos que as raízes desse encanto esparramam em nossas almas a altivez (...) Nossa flor tornou-se cristalina, lapidada pelos sentimentos verdadeiros de adoração. Seus traços delineados e esculpados em nossas almas, transformando-se em luz que contagia as mentalidades dos que precisam alimentar-se de aconchego e embebedar-se de sorriso. Pois não há aroma maior, mais delicado, tão límpido e puro, do que a de nossa exuberante e iluminada Flor Matizada (ANDRADE, 2005).

Temáticas importantes. No 12º Festival de Cirandas realizado no ano de 2008, a Flor Matizada trouxe o tema “*Uma Amazônia Inventada*”, inspirado pelo livro *A invenção da Amazônia* da escritora e antropóloga Neide Gondim. O enredo contava essa história, dos mitos e lendas construídos pelos expedicionários europeus na exploração de nossas riquezas. Como o Novo Eldorado, que foi interpretado como as especiarias aqui encontradas; ou a lenda das Amazonas depois compreendidas como as índias Icamiabas que ficaram conhecidas por aqui como uma tribo completamente feminina. Em sua tradição de procriação, realizavam o ritual da acasalção com homens da tribo Guaicarás, e quando alguma delas se apaixonava ofertava um muiraquitã como símbolo desse amor.

Esse ano também marcou a despedida do apresentador Sidney Seixas que foi, sem sombra de dúvida uma das pessoas mais brilhantes, inteligentes e de oratória impecável que esse Festival já conheceu.

A Ciranda Flor Matizada sempre levou inovação para a arena do Parque do Ingá. Os temas escolhidos, muitas vezes expressavam a voz do povo oprimido, a voz da população ribeirinha, cabocla, indígena que clama pela preservação de nossos rios, florestas, fauna e flora. Mas ela também trazia reflexões sobre a própria experiência humana, como quando trouxe “*Da Infância à Melhor Idade, a Flor Matizada celebra a humanidade*”, celebrando cada etapa da vida e a grandiosidade de nossa existência. Quando falou sobre o aquecimento global, incentivado por uma ideia de consumo que



não respeita a natureza, também fez um alerta sobre a importância de repensar novas soluções limpas para a nossa vida.

A Flor Matizada também contou na arena sobre o marco histórico que foi a construção da Ponte Rio Negro, revelando a exuberância e as diversas histórias dos municípios que ficam do lado de lá. Em outro ano, ressaltou a identidade africana existente dentro de todos nós, desmistificando os orixás e pedindo por respeito a toda e qualquer manifestação religiosa e espiritual, em *“Um Canto da África no Coração da Amazônia”*. Entre outros temas, antropológicos e existenciais, propôs o questionamento de nossas ações enquanto seres humanos e das decisões que impactam o meio em que vivemos.

No ano passado, a apresentação da Matizada me emocionou como há tempos não fazia. É fato que as obrigações e o exercício de minha profissão me afastaram um pouco desse universo, mas estar ali novamente, assistindo a beleza daquele espetáculo foi um afago na alma nesses tempos tão sombrios de destruição da natureza, das nossas florestas, da nossa Amazônia. O tema *“Hecatombe”* foi apropriado, altamente político e ativista. Tema de uma ciranda que sempre trouxe a proposta de ensinar através da arte.

Conclusão. A ciranda que veio lá de Tefé, que passou por Manaus e desembocou no “Nazaré” não é a mesma que hoje vemos no Festival. Essa festa se tornou algo tão grande que atingiu seu cunho comercial proposto lá atrás. Hoje, Manacapuru é expoente para o mundo, não à toa que integrantes das cirandas já viajaram até mesmo para fora do Brasil, dançando e falando sobre essa identidade cultural tão única e diferente de tudo o que já foi contado sobre o que é ciranda. A nossa ciranda não é apenas uma brincadeira de roda e apito, de marcação no chão e de personagens típicos. A ciranda é um corpo. Um corpo orgânico que se movimenta para além do Festival, que cria seus espaços e que tornou a cidade única por isso.

Falar de Manacapuru é falar de ciranda e falar de ciranda é ter sempre muita história a se contar. Histórias como a minha, como a de toda a minha família, amigos e conhecidos que assim como eu, todos os anos esperam ansiosamente pelo tema, pelas novidades, pela blusa oficial, pelas cirandadas e pelos ensaios, que movimentam o Parque do Ingá e a vida de toda uma população.



O amor por essa arte é algo difícil de descrever. Mas a sensação de ouvir uma cirandada é lembrar que esse mundo mágico existe dentro de mim. Tenho muito orgulho de ter nascido nesse lugar e de ter crescido no meio da ciranda. Essa ciranda que sempre teve algo que nunca vi nas contrárias, um desejo de fazer diferente, de trazer temas relevantes e importantes para a arena, de continuar depois de 40 anos, sendo a pioneira do Festival. Mas principalmente, de continuar através da arte, propondo ideias que precisam ser cada vez mais discutidas. Necessariamente em períodos de negacionismo de nossa ciência, de nossa história e de nossa identidade cultural, ribeirinha, cabocla e sobretudo de nossa essência indígena.

É meu desejo sincero, que essa expressão seja preservada. Que ela alcance os lugares mais distantes, mas sobretudo, continue falando sobre o respeito ao nosso chão, aos povos originários, a história da Amazônia sob o ponto de vista de quem sempre esteve aqui. Pois isso é um resgate de nossa identidade, de quem nós somos e daquilo que ainda queremos ser.

FESTAS POPULARES DA AMAZÔNIA: CONHECIMENTO, EXPERIÊNCIAS E PERTENCIMENTO

Sinny Lopes

As festas populares da Região Norte são ricas em conceitos, contextos e elementos que expressam a multiculturalidade de um povo miscigenado em sua raiz. Estas festas possuem uma formidável pluralidade, resultado da tradição do lugar onde são realizadas. Contudo, em algum momento misturam-se a uma particularidade bastante conhecida: o Festival Folclórico de Parintins.

Do Amazonas ao Pará existem diversas festas populares com suas características, estruturas e elementos próprios bastantes distintos, porém em algum(ns) ponto(s) possui(em) correlação com a festa dos parintinenses. Essa correlação pode ser de caráter inspirador ou servindo como base/modelo. Quer seja na estrutura regulamentar, quer seja na estrutura artística e/ou quer seja na estrutura de apresentação, vislumbra-se um “quê” de Parintins. Atuando na área de comunicação, divulgando outras festas populares - que não somente a disputa entre Caprichoso e Garantido – da



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Região Norte, despertaram-se em mim dois grandes sentimentos inevitáveis e de igual intensidade e proporção: **orgulho** e **vergonha**. Sim, orgulho e vergonha!

Orgulho ao tomar conhecimento de uma riqueza cultural, diversa, profunda e fascinante que tão bem representa o nosso povo e nos faz protagonista no cenário cultural. Por outro lado, o meu desconhecimento ou conhecimento singular causou-me um profundo desconforto enquanto indivíduo deste universo amazônico. É neste sentido, ao conhecer, vivenciar e participar de outras festas populares da nossa região que aflora o sentimento de vergonha.

Minhas experiências com as festas populares do Amazonas e do Oeste do Pará foram intensas e profundas, devido as suas características tão peculiares e ao mesmo tempo por lembrar a maior de todas elas: o Festival Folclórico de Parintins. Exemplo disso é o Festival Folclórico de Nova Olinda do Norte, município ao Sul da capital do Estado do Amazonas, Manaus, que reúne em três dias: **Ciranda** (Dança de roda que para alguns historiadores tem origem em Portugal e seus movimentos eram inspirados nas ondas do Mar); **Quadrilhas** (Dança folclórica coletiva de teor caipira típica das festas dos santos juninos, tem origem no Século XIII, na Inglaterra e incorporada à corte francesa – como dança de salão dos nobres – no Século XVIII. Disseminada por toda a Europa, incluindo Portugal e trazida na bagagem da família real, deixou os palácios dos nobres e ganhou às ruas da plebe) e **Boi-Bumbá** (Dança de rua derivante do Bumbá Meu Boi, baseada na lenda nordestina - do período do Ciclo do Gado - de morte e ressurreição do boi predileto do dono da Fazenda para saciar o desejo de Mãe Catirina). Este último, claramente inspirado nos Bois de Parintins, a começar pelas cores de cada Bumbá: Azul e Branca do Boi Diamante Negro e vermelho e branco do Boi Corre Campo.

A nomenclatura deste festival é similar ao de Parintins, em relação aos itens de julgamento (Levantador, Apresentador, Amo, Batucada/Marujada, Cunhã-poranga, Pajé e etc). Uma particularidade desta festa é o item *Rainha da Silvinita* que corresponde ao item *Rainha do Folclore*. Este item novolindense representa a riqueza da Silvinita, minério em abundância naquele município. Podemos afirmar que Nova Olinda do Norte



é a segunda Parintins do Amazonas, tanto pela paixão do seu festival quanto pela rivalidade entre os Bumbás. Neste ponto, é ainda maior.

Num outro aspecto, em janeiro de 2020, conheci e participei de um festival fascinante que mistura o Festival Folclórico de Parintins com o Carnaval, tendo como trilha sonora a tradicional *Música de Beiradão* (típico ritmo de caboclo do interior da Região Norte): o Festival do Peixe Ornamental de Barcelos. Primeira capital do Estado, o município ganhou visibilidade mundial pela produção e exportação de peixes ornamentais e que hoje mantém essa visibilidade com a pesca esportiva. Traz nos elementos de sua festa o “Piabeiro” (indivíduo nativo que representa a figura típica do município): suas técnicas de pesca, instrumentos de trabalho e costumes caboclos.

Podemos identificar o “Elemento Parintins” nas estruturas alegóricas, nos quadros cênico-coreográficos e no item *Lenda Amazônica*. Já o “Elemento Carnaval” pode ser identificado com o Item “*Mestre Piabeiro*” e “*Porta-Bandeira*” e os grupos cênico-coreográficos chamados de “Alas”.

Mais próximo de Manaus, na Região Metropolitana, em Manacapuru acontece a festa popular denominada de Festival de Cirandas de Manacapuru. A disputa acontece entre três agremiações: **Tradicional** (do Bairro da Terra Preta), **Guerreiros Mura** (do Bairro da Liberdade) e **Flor Matizada** (do Bairro de Nazaré). Festa que traz a essência da histórica Ciranda de Tefé, com todos os seus elementos tradicionais: Galo Bonito, Séo Manelinho, Carão, Mãe Benta, Constância dentre outros.

As Cirandas de Manacapuru trazem elementos que fazem uma certa correlação ao Festival de Parintins. Exemplo: Cirandeira Bela em Manacapuru, Cunhã-poranga em Parintins; Porta-Cores em Manacapuru, Porta-estandarte em Parintins. Nesta festa, o manacapuruense traduz seus costumes e tradições na celebração coletiva vindo desde os Maias e Astecas que dançavam em círculos com movimentos inspirados na rotação e translação. Uma festa rica em brilho, sons e movimentos.

Já no Oeste do Pará, deparei-me com uma festa popular voltada para a essência dos primeiros habitantes do Brasil, a ancestralidade indígena presente nos traços de sua gente: o **Festival de Tribos de Juruti**. A disputa entre a Tribo Munduruku e a Tribo Muirapinima é carregada de um simbolismo nativo latente, com elementos próprios



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

misturados aos elementos que lembram o Festival de Parintins. Desde o ritual, a lenda e o Pajé, no elemento nativo da festa temos a *Índia Guerreira* (correspondente à Cunhãporanga) e a *Guardiã Tribal* (correspondente à Rainha do Folclore).

Neste meu aprendizado, que foi conhecer e divulgar estas festas populares, pude compreender e presenciar a multiculturalidade da nossa gente, a parte que nos cabe – Amazônidas – nesta miscigenação cultural. Tomar a devida dimensão da importância da cultura enquanto fator de transformação e formação de um povo. O saber popular e suas manifestações enquanto esteio na formação de uma sociedade mais igualitária, justa, inclusiva e conhecedora de si mesmo: de onde veio, aonde está é para onde quer ir.

Além das questões apresentadas acima, estas festas populares enquanto elo de ligação interpessoais e interclasses é uma poderosa ferramenta educacional, no que se refere aos conhecimentos em geral, em matérias interdisciplinares, disciplina e convívio em coletivo: em sociedade. Sem falar na questão, que na minha humilde opinião é a mais importante – e a lição tirada dessas minhas andanças nestas festas – a do **sentimento de pertencimento**. Sentir que se faz parte de algo, que este algo lhe pertence e que você pertence a ele.

Evidentemente, que num primeiro momento tal afirmação possa soar e ou parecer piegas, batida ou, até mesmo, “cafona”. Contudo, numa análise mais profícua é o sentimento que me toma, resultado desta experiência em comunicação: o de pertencer a multiculturalidade da nossa Região. No mais, eu quero mesmo – e sempre – é FOLCLOREAR!

ENTRE VIDAS E FESTIVAIS: EXPECTATIVAS, SONHOS E ANSEIOS POPULARES

Adauto Silva de Oliveira Júnior

Sou Adauto Júnior, apresentador da Ciranda Guerreiros Mura de Manacapuru (desde 2013) e do Peixe-boi Jaú de Novo Airão (desde 2018). Em 2019 fui



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Apresentador do Boi Bumbá Garanhão de Manaus e já fui apresentador do Peixe-Boi Anavilhanas também de Novo Airão.

Meu primeiro contato com festivais folclóricos foi na cidade onde moro e apresento o Peixe-Boi Jaú (Novo Airão). Por aqui o “ritmo é de boi”, embora a essência do festival tenha algumas diferenças. Desse primeiro contato já noto - e é o primeiro item que quero destacar -, a influência central e global do Boi de Parintins, e o trato apenas como um, em referência ao grande fenômeno que é o festival, não me referindo aos bumbás em si. O festival na minha cidade foi criado por parintinenses que migraram para cá. Mesmo os festivais no interior que não tem o ritmo de boi, a exemplo do Festival de Cirandas de Manacapuru e outros tantos pelo interior do estado do Amazonas, sempre têm como paradigma central os Bois de Parintins. A influência sempre vem, seja na dança, na música, nas alegorias, fantasias, etc.

Outro fenômeno que notei na minha experiência Manaus-Manacapuru-Novos Airão, e Ciranda-Boi-Peixe-Boi, é a formação de uma espécie de microrregiões de influência do Folclore. Explico. Iniciei minha carreira em Novo Airão, e fui parar no Festival de Cirandas de Manacapuru após ter sido visto apresentando em Novo Airão pelo cantador da Ciranda Guerreiros Mura Gamaniel Pinheiro. E, de Manacapuru, fui convidado para apresentar em 2019 o Boi Garanhão em Manaus. Ou seja, além da influência central de Parintins sobre todos os festivais, existe uma influência mais regionalizada de festivais mais próximos uns nos outros. Já notei que artistas de Manacapuru (do festival de cirandas) costumam trabalhar em agremiações em Caapiranga (Festival do Cará), Manaquiri, Beruri, Novo Airão, etc. Daí que digo que formam-se microrregiões, ocorrendo intercâmbio de artistas, músicas, fantasias, etc., entre Municípios mais próximos.

Um terceiro fenômeno que pude presenciar também, digno de nota, este mais em Manacapuru, onde já participo há 8 anos, foi a grave crise que abateu a cultura a partir de 2015. Particpei de uma ciranda com uma realidade de orçamento nos anos de 2013 e 2014, e vi esse orçamento se esvaziar até o ponto de não haver nenhuma verba do Governo do Estado, e as cirandas fazerem uma apresentação simbólica em 2016. Tal fenômeno, ao que parece, também foi sentido em Parintins, embora em escala muito menor, e por muitos outros festivais no interior do estado em maior ou menor



proporção. Foi algo muito forte, sobretudo para as pessoas que vivem da cultura, e para os moradores das cidades que vivem o clima dessas festas. De uma hora para outra os festivais foram diminuindo.

Outro fato peculiar é a forma como em cada Município as pessoas se identificam com estes festivais. Eu sempre digo que em cada um dos 62 Municípios do Amazonas poderia haver um festival de boi e um de cirandas, e em cada um desses Municípios, as pessoas se identificariam com estes festivais e os viveriam de forma intensa. Há sempre a criação de uma identidade por parte das pessoas em relação aos festivais. E neste ponto, ao mesmo tempo em que destaco a formação de uma identidade também por parte dos brincantes, menciono e recomendo a obra *A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru* (SILVA, 2018)². Digo tudo isso porque o festival da minha cidade (Novo Airão) embora não seja de Boi, e sim de Peixe-Boi, e por ter o ritmo de Boi, já foi acusado por uma autoridade pública do Estado no ramo da Cultura (à época) de ser uma cópia de Parintins. O que quero deixar de mensagem é que cada um desses Municípios, embora tenham festivais que sejam exclusivamente de Boi, identificam-se de uma forma bastante íntima com esses festivais e os tornam “seus”, sendo bastante preconceituoso falar em cópia.

Ainda nesse ponto, nós que somos itens, ao notar a forma como os torcedores vivem as agremiações, o amor que dedicam, sentimos recair sobre nós uma responsabilidade enorme. De repente eu vejo as pessoas brigando pela agremiação nas redes sociais, indo para a rua em carreatas, torcendo emocionadas na galera, e eu responsável por valiosos pontos que podem fazer aquela agremiação perder (ou ganhar). Um item sozinho não faz uma agremiação ganhar, mas pode fazê-la perder. Onde quer que possamos ir o amor que as pessoas demonstram por essas agremiações é o mesmo, e essa responsabilidade de fazê-la campeã recai pesadamente sobre cada um de nós que estamos dentro da arena representando não somente a agremiação, mas toda uma nação apaixonada.

² SILVA, Adan Renê Pereira da; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. **A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru**. 1.ed. São Paulo: Dialogar, 2018.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Descobri – até tarde eu diria -, e nesse ponto mais uma vez tive a influência do Adan³, como esses festivais podem ser usados para protestar, para dar voz aos que lutam, para dar protagonismo a determinados seguimentos esquecidos. A partir do “fazer ciência” com essas festas que descobri com o Adan, pude ter um olhar mais crítico e notar a importância do festival para debater questões filosóficas, políticas, ambientais etc., para transmitir mensagens de tolerância e de amor.

Por fim, escrevo esse texto em plena Pandemia de Covid-19, com Festivais cancelados e com o surgimento do novo fenômeno das *lives*. Mas essa história ainda estamos escrevendo na vida real, para daqui uns anos ela ser escrita e/ou contada no papel.

JÚNIOR PIONGA: UMA HISTÓRIA EM VERDE E BRANCO

Júnior Pionga

Antes de começar, em poucas palavras, a recitar minha história dentro do Folclore no Município de Novo Airão, quero agradecer ao convite feito pelo Dr. Adan Renê, com suas experiências em Festivais Folclóricos que passam por aqui, sendo um homem de grande valia para a Cultura do Estado do Amazonas. Sinto-me honrado em fazer parte dessa revista e ser convidado para compor este dossiê temático que fala de nossas festas, conseqüentemente, de nosso povo e nossa cultura.

Minha história no folclore começa no ano de 2003. Tive o prazer de conhecer a batucada do Peixe-boi Anavilhanas, sendo a agremiação liderada na época pela Presidente Sra. Pedrina Bonifácio. De 2003 a 2011 fiquei participando no Anavilhanas como batuqueiro, onde senti a emoção de, na ponta da baqueta, colocar todo amor pela minha Agremiação.

Em 2012 fui convidado pela Presidente da época, a Sra. Professora Eurivana Carvalho, para substituir o Maestro da Batucada num evento que os dois Peixes fizeram, em protesto pela não realização do EcoFestival Folclórico do Peixe-boi por questões políticas. Tive medo, receio, mas, com muitos incentivos da diretoria, da minha família e principalmente do Maestro da Batucada do Peixe-boi contrário, decidi encarar o

³ Trata-se do organizador deste dossiê temático.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

desafio e graças Deus e aos muitos anos de experiências como batuqueiro e com a equipe de batuqueiros que me ajudaram, tive o prazer e satisfação de comandar com grande êxito a batucada soberana, realizando assim um trabalho excelente.

No ano de 2013, eu me afastei um pouco das atividades da Agremiação por ter ido morar em Manaus, retornando em 2014 para o município, ano esse de eleição para uma nova diretoria no Peixe-boi. Na ocasião, formamos uma chapa para concorrer à presidência: eu, aos 21 anos de idade, vim como vice-presidente. Após eleitos, começamos um grande trabalho dentro da agremiação e mal sabíamos que toda essa mudança acarretaria na vinda de grandes personalidades do Anavilhanas, que há muito tempo estavam afastados, colocando sobre nós a confiança de que nossa diretoria traria o título tão esperado, de sermos campeões novamente. Assim como algumas pessoas desacreditavam de mim como maestro, desacreditaram também como vice-presidente. Porém, após a apuração das notas no domingo do festival, mostramos - em particular eu - que nós éramos capazes de trazer e trouxemos o título de volta para casa com o tema *Anavilhanas que nasce a cada amanhecer*.

Nos anos de 2015 e 2016 não houve festival por questões políticas novamente, retornando sua edição em 2017. Esse ano, o presidente era o Sr. Anadilson Gomes Teixeira, o “Teixeirinha”. Por questões de saúde, teve que se ausentar da Agremiação, tendo eu que assumir interinamente a Presidência do Anavilhanas. Com o apoio da diretoria fomos novamente em busca do título de campeão. Após tantos esforços de todas as pessoas envolvidas, diretoria, itens individuais, coletivos e da nossa galera nota 10, consagramos o título de Bicampeões com o tema *Novo Airão, poesia da minha vida*, frase essa que foi sugerida por mim e aprovada por todos.

No ano de 2018, perdemos mais uma edição do EcoFestival Folclórico do Peixe-boi, devido à eleição suplementar no município. Entretanto, com o apoio da Prefeitura no Aniversário da cidade, fizemos uma simples apresentação garantindo assim que nossa cultura não fosse esquecida. E nesse mesmo ano tivemos novamente a eleição para a nova diretoria do Anavilhanas: dessa vez, concorri ao cargo de Presidente e, aos 25 anos de idade, e com 80% dos votos dos associados, fui eleito Presidente, sendo o mais novo que passou por esse cargo.



Em 2019 eu, já como Presidente e juntamente com a minha diretoria executiva e comissão de arte, iniciamos um trabalho recheado de grandes desafios, agora buscando o título de Tricampeão. Este título era um sonho para Peixe-boi Anavilhanas e para todos nós. Não posso deixar de citar que houve grandes de dificuldades para que chegássemos de fato à conquista, sendo a principal delas a financeira.

Como presidente, eu me sinto muito honrado em hoje dirigir essa Agremiação, que carinhosamente chamamos de Peixe-boi do Povão. O Anavilhanas de fato tem merecimento pelos títulos que conquistou. Mesmo que estivéssemos atrasados em alguns trabalhos pela questão financeira, nós não deixamos e nem nos deixam acreditar que no fim tudo vai dar certo. E uma das coisas que mais me motiva a me doar 100% ao Anavilhanas é ver o sentimento de gratidão, de emoção, de alegria, de satisfação que torcedores e brincantes de modo geral nos passam em nossas apresentações estampados em seus rostos. É vontade de sempre ir em busca de novos talentos em nossa agremiação, em nosso município. E ao longo desses anos tenho a maior satisfação em dizer que sou o Presidente que mais oportunizou novos talentos, sejam eles musicais, artísticos, como itens, por exemplo.

Em minhas considerações finais, dedico meus agradecimentos especialmente a minha família que nos tempos de festival abre as portas de casa para que sirvam de barracão, para ensaios, para reuniões etc. Agradeço também a cada sócio que depositou em mim sua confiança para ser representante desse Peixe-boi tão amado. A minha diretoria, comissão de arte, aos nossos patrocinadores enfim, de um modo geral a todos. É com o sentimento de profunda gratidão por tudo que essas duas pessoas fizeram pelo Anavilhanas e que hoje estão morando no céu, dedico toda minha trajetória de presidente aos meus grandes amigos, Seu Pedro Pororô e Márcio Valente. Seu Pedro foi um dos fundadores dessa linda festa, tocando na banda “Rabo de cão”, a qual deu origem ao nosso festival e que nas apresentações Oficiais estava de mãos dadas comigo na lagoa do peixe-boi. Márcio, em particular, era um dos meus braços direitos no Anavilhanas: sempre se doou de corpo e alma pelo peixe-boi. Ambos eram torcedores apaixonados pelo peixe-boi do povão.



Considerações finais

As falas apresentadas evidenciam encontros de subjetividades e objetividades. São falas de apaixonados e envolvidos com Garantido e Caprichoso, as quais relatam a importância das festas para os sujeitos e nos deixam com a sensação de sonhos realizados e vidas vividas em plenitude. Em tons azuis, vermelhos e brancos, a marca do amor, da esperança e de uma vida feliz por meio das festas. Celebremos!

Espera-se que a aposta na proposta autoetnográfica mobilize outros estudos nesta tônica, de ouvir os sujeitos sociais em seu próprio estilo de contar, ser e existir, ficando-se tal aposta como sugestão para novos estudos.

Referências

ANDRADE, Dermilson. Puxa a Roda. Uma História de Ciranda. Manacapuru: Ciranda Flor Matizada, 2001. Disponível em <https://open.spotify.com/track/1gxJjTto90IfvuGmcdphes?si=AQnixd - TmKwTeusapId5g>. Acesso: 1/9/2020.

ANDRADE, Dermilson. Expressão de Manacá II. Ciranda Brasil: 25 anos de folclore. Manacapuru: Ciranda Flor Matizada, 2005. Disponível em https://open.spotify.com/track/1zGh9SoW5OLTxVlz1QWmqp?si=ji0vhROjTX-j_Nd5dh1C8Q. Acesso: 1/9/2020.

BEBEZINHO; SEIXAS, Sidney. Encontro de Dois Mundos. Raízes de um Povo Milenar. Manacapuru: Ciranda Flor Matizada, 2000. Disponível em <https://open.spotify.com/track/4Anx1RaMxtTkg11AGHtSuT?si=oLL9EGPrT0qFGPaZCWgagQ>. Acesso: 1/9/2020.

BEBEZINHO. Amazonas é Ciranda. Ciranda Brasil: 25 anos de folclore. Manacapuru: Ciranda Flor Matizada, 2005. Disponível em



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

<https://open.spotify.com/track/6N0B7qdYg6XpqxLUdhSycH?si=8Euevk_oTA6FD9OT7Rfe4Q> .Acesso: 1/9/2020.

BLANCO, Mercedes et al. Académicas mexicanas frente a la pandemia. Miradas desde la autoetnografia. **Revista Amazônica**, v. XII, n. 1, jan-jun. 2021, p. 380-408. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/8329>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRITANNICA ESCOLA/CAPES. **Boi-bumbá**. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/boi-bumb%C3%A1/483119>. Acesso em 13 set. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico. Manacapuru, 2020. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manacapuru/panorama> . Acesso: 2/9/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Cultura. **A Ciranda**. Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/448>. Acesso em 13 set. 2020.

SAYEGH, Simone. Universa Uol. São Paulo, mar de 2012. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2012/10/19/perfume-do-passado-cultive-o-manaca-de-cheiro-e-atraia-borboletas-a-varanda-e-ao-jardim.htm> . Acesso:2/9/2020.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, 2017, p. 83-93. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980/139694>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SILVA, Adan Renê Pereira da; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. **A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru**. 1.ed. São Paulo: Dialogar, 2018.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

VIANA, Daniela. **Quadrilha.** In: Toda Matéria. Disponível em <https://www.google.com/amp/s/www.todamateria.com.br/quadrilha/amp/>. Acesso em 13 set. 2020.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autores:

Camila Oliveira Garcez - Graduada pela Faculdade Martha Falcão. Nasceu e cresceu em Manacapuru, mas atualmente mora em Manaus, onde atua como assessora de comunicação parlamentar, na Câmara Municipal de Manaus. Atuou como jornalista do deputado federal José Ricardo (PT) durante 4 anos e participou de campanhas políticas pelo Partido dos Trabalhadores nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Participou da produção de eventos como o Manifest – Festival Universitário de Música e Natal Solidário da Tearte Produções Musicais. Foi redatora no Portal Tribuna do Amazonas, voluntária na produção do Livreto Prêmio Calouste Gulbenkian com a equipe de comunicação da Fundação Amazonas Sustentável (FAS) e produtora de rede na Tv A Crítica. Participou de congressos como o 9º Congresso da União Estadual dos Estudantes produzido pela UEE- Amazonas, 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes (Conune) realizado em Brasília-DF. Foi delegada na 1ª Conferência Nacional sobre Transparência e Controle Social – (Consocial), promovida pela Controladoria-Geral da União em Brasília-DF e das 2ª e 3ª Conferências Infanto-Juvenis de Meio Ambiente, realizadas pelos Ministério da Educação e Meio Ambiente em Luziania-GO atuando como facilitadora na Oficina de Educomunicação para a produção da Carta das Responsabilidades entregue aos presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Foi membro do Coletivo Jovem de Meio Ambiente e membro no Fórum Nacional de Secretários e Gestores Estaduais de Juventude.

E-mail: camiegarcez@gmail.com



Sinny Lopes - Crítico cultural, proprietário e editor do sítio e *fanpage* “Fest’Norte”. Jurado do Festival Folclórico do Amazonas – Categorias Bronze e Prata (2017-2019). Jurado do Festival de Tribos de Barcelos (2019). Divulgou e transmitiu o Festival de Tribos de Juruti (2018), o Festival de Peixes Ornamentais de Barcelos (2020). Idealizador e realizador do Prêmio Cultural “Simão Assayag”, que premia os melhores artistas nas categorias Artes Plásticas e Figurinos do Festival Folclórico de Parintins.

E-mail: sinnyu@gmail.com.

Adauto Silva de Oliveira Júnior - Graduado em Direito e especialista em Direito Penal. Apresentador da Ciranda Guerreiros Mura de Manacapuru desde 2013 e do Peixe-Boi Jaú desde 2018. Apresentou o Boi-Bumbá Garanhão de Manaus em 2019 e o Peixe-Boi Anavilhanas de Novo Airão em 2017.

E-mail:adautojunior@mpam.mp.br.

Júnior Pionga - Atualmente na presidência do Grêmio Recreativo Folclórico e Cultural Peixe-Boi Anavilhanas, uma das agremiações que disputam o Ecofestival em Novo Airão.

E-mail: aspirantecorrea123@gmail.com.

Adan Renê Pereira da Silva - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas e apaixonado pelas festas populares amazônicas.

E-mail: adansilva.1@hotmail.com.